

O ENSINO DO IDIOMA PORTUGUÊS PARA MILITARES ESTRANGEIROS:  
**as contribuições culturais na aquisição da Língua Portuguesa como segunda língua.**

Janiara de Lima Medeiros<sup>1</sup>

Monique Pinto de Oliveira<sup>2</sup>

**RESUMO**

À aprendizagem de uma língua estrangeira que objetive a interação social, faz-se necessário, além de conhecimentos linguísticos, conhecimentos pragmáticos da língua que se quer adquirir. Neste contexto, o ensino da língua portuguesa brasileira para militares estrangeiros possui relação mútua com as compreensões de culturas civil e militar do Brasil. As questões foram elaboradas com base na observação e na prática docente no Curso de Português para Militares Estrangeiros (CPME) oferecido pelo Centro de Idiomas do Exército (CIdEx). Este artigo visa despertar um novo olhar quanto à contribuição dos distintos padrões estéticos e de comunicação, como reflexo das diferentes culturas, facilitando no processo de aquisição do português como segunda língua para militares do Exército, Marinha e Aeronáutica oriundos das Nações Amigas.

**Palavras-chave:** Português para estrangeiros. Militares. Cultura e comunicação. Habilidades linguísticas.

---

<sup>1</sup> Mestranda em Educação pela UFF, é Especialista em Psicopedagogia Institucional e em Gestão de Recursos Humanos, Pós-graduada em Gestão EaD e possui MBA Executivo em Marketing; E-mail: [jmedeiros@ccpi.com.br](mailto:jmedeiros@ccpi.com.br). 2º Tenente do Exército Brasileiro, Chefe da Seção de Português, é docente nos cursos de Português para militares estrangeiros no Centro de Idiomas do Exército (CIdEx) e em outras disciplinas dos cursos do Centro de Estudos de Pessoal e Forte Duque de Caxias (CEP/FDC) para militares das Forças Armadas e Forças Auxiliares do Brasil.

<sup>2</sup> Mestranda em Educação pela Universidade Católica de Petrópolis (UCP), Pós-Graduada em Planejamento, Implementação e Gestão de Cursos a Distância pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Graduada em Letras e especialista em Língua Portuguesa. 2º Tenente do Exército Brasileiro, atua como professora de Português para militares estrangeiros no Centro de Idiomas do Exército (CIdEx). E-mail: [monique.letas@hotmail.com](mailto:monique.letas@hotmail.com).

## INTRODUÇÃO

O Centro de Idiomas do Exército – CIdEx, oferece através da Seção de Português, o Curso de Português para Militares Estrangeiros (CPME) com a duração de até 34 semanas e o Estágio do Idioma Português e Ambientação (EIPA) com a duração de 9 semanas. Estas atividades de desenvolvimento da capacidade linguística têm como objetivo promover o ensino da Língua Portuguesa para militares estrangeiros, designados para desempenhar funções no Brasil, aplicando as habilidades de compreensão auditiva, compreensão leitora, expressão oral e expressão escrita, com base na gramática da Língua Portuguesa, bem como propiciar uma ambientação à cultura brasileira e ao contexto militar das Forças Armadas do Brasil.

Neste cenário, há a necessidade de docentes com formação acadêmica em Letras (Língua Portuguesa Brasileira). Considerando as múltiplas culturas dos militares discentes (acompanhados das suas respectivas famílias) que estarão posteriormente em missões neste território nacional, torna-se necessária a ambientação nesta diversidade local, assim como a influência recebida de outras culturas, as expressões contemporâneas de comunicação formal, além de reconhecer e diferenciar os traços culturais do país de origem com os do Brasil.

Compreendendo Ramos (2009, p. 17) quando diz: “A formação docente deve se adequar ao novo tempo (...), privilegiando um processo de formação na qual as características sejam a reflexão, a conexão, compartilhamento e autonomização.” entende-se que observação, reflexão, planejamento, execução e avaliação devem fazer parte da rotina do professor. Através da experiência adquirida no ensino de português para militares estrangeiros, compreende-se que a capacitação docente deve conversar com a formação dos alunos, de forma a associar o ensino da língua portuguesa não só a valorização curricular, mas, principalmente, para viabilizar a comunicação dos militares discentes, no idioma português, como representante do país de origem no cumprimento de missões diplomáticas. Portanto é fundamental que os conteúdos e atividades estejam o mais próximos da realidade militar (inclusive vocabulário e expressões militares).

A necessidade de reconhecimento e de adaptação também estão relacionados a comportamentos sociais, manifestações artísticas entre outras informações relevantes que contribuem para o cumprimento das atividades posteriores a que os alunos serão nomeados. Por isso, é necessária uma adaptação ao universo dos brasileiros nativos, existente nas cinco regiões do país, nos diversos aspectos também da vida civil no desenvolvimento da prática pedagógica (as expressões idiomáticas, além da gramática).

Sendo assim, é possível afirmar que o ensino da língua portuguesa brasileira para militares estrangeiros possui relação mútua com as compreensões de cultura civil e militar existentes nos cinco continentes. Trata-se de uma dimensão sem fronteiras na qual Exército, Marinha e Força Aérea sejam da América, Europa, África, Ásia, Oceania ou até Antártida, juntos, possuem diferentes olhares e necessidades.

Mediante do método dedutivo é possível constatar esta linha de raciocínio, em que o aprendizado da língua para o uso simultâneo sofre influências da cultura dos países envolvidos e interagem com a cultura militar. Portanto, não se trata somente de um desafio linguístico, mas em questões que envolvem as relações sociais, os distintos padrões estéticos e a comunicação - como reflexo das diferentes culturas - contribuem para facilitar este processo de aquisição do português como segunda língua.

Por outro olhar, também é oportuna a busca de dados e informações que contribuam com as pesquisas teóricas realizadas e sejam somadas a metodologia indutiva, sendo neste ponto a dialética um dos métodos auxiliares mais adequada para a busca dos objetivos propostos, visto que “fornece as bases para uma interpretação dinâmica e totalizante da realidade<sup>3</sup>”, associando-se a metodologia histórica, na qual “o foco está na investigação dos acontecimentos ou instituições do passado, para verificar sua influência na sociedade hoje<sup>4</sup>”, agregando-se dados a serem coletados através de entrevistas, ou aplicação de questionários, a estudiosos do tema, docentes e discentes do Estágio de Idioma Português e Ambientação e Curso de Idioma Português para Militares Estrangeiros.

## **1 O MULTICULTURALISMO E SUA CONTRIBUIÇÃO NA AQUISIÇÃO DA SEGUNDA LÍNGUA**

Entende-se a existência de várias culturas no mesmo país, cidade ou região. Neste trabalho, o multiculturalismo não será abordado sob qualquer linha de pensamento filosófica ou sociológica

---

<sup>3</sup> PRODANOV, Cleber Cristiano. Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico. 2. ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013, p. 35.

<sup>4</sup> Ibid., p. 36.

em que o pluralismo cultural possa ser considerado nocivo às culturas nativas e por isso acarretar danos sociais ou não. Trataremos aqui do aspecto multicultural sob o ponto de vista de valoração linguística no mesmo ambiente social, ou mais especificadamente, no mesmo curso e sala de aula.

Retomando o objetivo do ensino de Português para Militares estrangeiros no Brasil, compreende-se fundamentalmente que o foco deve se atentar na comunicação. Esta comunicação diária pode ocorrer de formas muito diversificadas desde os sons das palavras ou seus desenhos resumindo-se em oralidade e escrita respectivamente. Da mesma forma também pode ocorrer à comunicação através de sinais ou outros códigos linguísticos. O fato que só existirá comunicação se a mensagem transmitida for recebida e compreendida. Neste sentido, é importante reconhecer conceitos que muitas das vezes causam dúvidas e por isso há dificuldade na seleção de recursos e métodos porque não estão claras as suas funcionalidades.

Língua, linguagem e fala são conceitos que parecem os mesmos, mas agem de forma diferente no processo de comunicação. Enquanto a linguagem é uma capacidade específica do ser humano, pois intencionalmente ou não, ela pode ser utilizada de forma verbal ou escrita para transmitir informações, opiniões, sentimentos. Agora, quando se trata de um conjunto de códigos, vocabulário e regras de combinação previamente estabelecidas que possibilitam a compreensão da mensagem estamos nos referindo a língua específica de determinada região ou país. Não menos importante, é a forma de comunicação individual utilizando a linguagem verbal para expressar-se.

Os componentes da comunicação (linguagem, língua e fala) são marcados por aspectos culturais que devem ser considerados sob dois pontos: o primeiro é o impacto inicial com o encontro cultural ao reunir militares de países diferentes num mesmo espaço físico onde ali construirão um novo conhecimento linguístico e de mundo. Este impacto é sentido por docentes, discentes e todos os envolvidos no processo de aprendizagem. Há neste ponto, não somente, as questões dos diversos idiomas, como também as forças armadas de cada país que possuem regulamentos específicos. O segundo choque cultural é sentido pelos alunos quando identificam que o português brasileiro não é único, mas difere-se nas regiões do Brasil e nestas também há especificidades. Um exemplo mais marcante é quanto a fala do carioca e do paulista, diferentes entre si, mesmo fazendo parte da região sudeste do mesmo país.

Portanto, quando falamos de cultura, vamos nos ater ao conceito antropológico que, no qual destacamos Edward B. Tylor ao definir cultura como "todo aquele complexo que inclui o conhecimento, as crenças, a arte, a moral, a lei, os costumes e todos os outros hábitos e capacidades adquiridos pelo homem como membro da sociedade".

De acordo com Porcher (1996:4) “a comunicação em língua estrangeira não se prende só à aprendizagem da língua. Mais que isso, não existe nenhuma objetividade se o ensino não se associa às competências culturais e interculturais”.

Para se determinar uma condição socioeducacional com estudos linguísticos relevantes à época atual, há de se ter muito dos lexicais pilares atemporais. (CAGLIARI, 1990, p. 48). Pois as inadequações e a falta de atualização não devem ser repassadas nas escolas; isso é um grande questionamento para os sociolinguísticos que não apoiam as diferenças sem que elas sejam amplamente divulgadas e ambientadas na linguagem.

Então, se como produto cultural há a língua refletindo toda a simbologia através de características inerentes de determinada sociedade, considera-se que o estudo da cultura é relevante no ensino de línguas visto que o sistema lexical remete a significados e significantes deste acervo geolinguístico.

Não se trata do estudo de palavras e sua pronúncia posto que as palavras apresentam também sua história e portanto sua carga de valor. Em outras palavras falamos aqui de uma carga de valor que muitas vezes exige um conhecimento interdisciplinar para a sua compreensão.

Logo, no processo de aquisição de uma nova língua não deve se dar isoladamente visto que caracteriza um momento cultural e social com consequentes resultados na construção da relação semântica ao discente.

É fundamental ratificar que o ensino da cultura brasileira e da cultura militar do Brasil não é meramente aula de uma história por si só. É necessário que seja um pano de fundo no qual os valores e as tradições agregam sentido às palavras, e à construção de conhecimento.

O ensinar a ler, escrever, compreender e interpretar a Língua Portuguesa para aluno estrangeiro ou nativo evidencia a importância do estudo da variedade linguística local, não deixando de caracterizá-la como parte importante da Gramática Normativa.

Seguindo este entendimento sobre a necessidade de um olhar cultural no processo de aquisição da segunda língua, referenciamos Pacheco (2000:49-59) com base em Halliday e Hasan (1989) e também em Kress (1989) ressalta que "se o educador escolher ensinar só a língua, sua prática torna-se incompleta". Por isso dentro da proposta de ensino há conteúdos de língua portuguesa com base na gramática normativa e na cultura brasileira. A mesma autora complementa a linha de pensamento afirmando que “... estudos atuais têm mostrado evidências de que língua e cultura não podem ser dissociadas, e que a língua depende do contexto situacional e cultural em que é produzida e do qual recebe influências...” (op. Cit). e de cultura militar do Brasil. Assim, como

reflexo desta assertiva e o perfil do CPME e EIPA, a eles são incorporados além do ensino gramatical e cultural, o ensino da cultura militar do Brasil.

## **2 DISTÚRBIOS NA COMUNICAÇÃO VERBAL**

A compreensão da riqueza com a diversidade cultural no desenvolvimento das habilidades linguísticas de compreensão auditiva, expressão oral, compreensão leitora e expressão escrita é teoricamente abastarda de beleza e resultados sólidos.

Contudo, há de se observar um ponto importante neste processo que dialoga diretamente com a questão multicultural. Trata-se dos possíveis ou, inevitáveis, distúrbios na comunicação verbal, verificando os distúrbios da comunicação e linguagem de acordo com a inferência na linguagem falada e escrita, desenvolvendo prioritariamente as competências linguísticas de compreensão auditiva e de expressão oral dos militares que cumprirão missões no Brasil. Dessa forma, promovendo a variação linguística e ambientar os alunos à cultura brasileira. O ensinar a ler, escrever, compreender e interpretar a Língua Portuguesa para um aluno estrangeiro ou nativo evidencia a importância do estudo da variedade linguística, não deixando de caracterizá-la como parte importante da Gramática Normativa.

No entanto, conforme Préneron (2006, p. 63), os distúrbios da fala oriundos de disfunções do léxico também podem caracterizar alterações da linguagem. Essas alterações podem afetar a semântica e alterar significados, comprometendo a precisão da comunicação. Também os distúrbios morfossintáticos podem levar a variações de sequência gramatical previamente distinguida para um significado quando se modifica a sequência, prejudicando o resultado final da comunicação.

A primeira coisa que nos chama a atenção nessa organização são as suas solidariedades sintagmáticas: quase todas as unidades da língua dependem seja do que as rodeia na cadeia falada, seja das partes sucessivas, de que elas próprias se compõem. (SAUSSURE, 1916, p. 148).

A problemática deste tema resume-se nos distúrbios da linguagem que é uma das maiores armas contra a precisão da comunicação. Portanto, torna-se fundamental buscar analisar os distúrbios da comunicação e linguagem, com o objetivo de separar itens que envidam as dificuldades de articulação da comunicação entre os indivíduos, especialmente os estrangeiros de nações diferentes e que em comum possuem a realidade militar.

Contudo, é possível afirmar que, quando as dificuldades vão sendo resolvidas, melhor se pode haver compreensão e comunicação, favorecendo ao bom diálogo e à capacidade de interpretar

o que se ouve. Por isso, este artigo buscará desenvolver itens como: Distúrbios da Comunicação e Linguagem, Inferência na Linguagem Falada e Escrita, Cultura, Língua Estrangeira, Aprendizagem Intercultural, Cultura objetiva e subjetiva.

A Língua Portuguesa tem um vasto conteúdo de variação linguística, e isso contribui para que aconteçam distúrbios da comunicação e linguagem, visto que, para ser um bom produtor de texto, considerando precisão na comunicação, tem de ser um bom conhecedor da gramática textual e dominar as competências supracitadas. (MOITA LOPES, 1996, p. 22)

A escolarização é importante não só como um espaço para aprender a resolver problemas, mas também como um ambiente propício à demonstração dos conhecimentos de forma sistematizada e em contextos apropriados. É certo que há duas maneiras básicas de se adquirir conhecimento, através da experiência e através das linguagens. E o conhecimento que se adquire através das linguagens pode auxiliar ao desenvolvimento de novos conhecimentos sucessivamente. Mas será que há um nível de escolarização suficiente? (MONTEIRO, 1999, p. 115).

Para Monteiro (1999, p. 115), é preciso que o falante esteja modificado pela leitura para que as dificuldades no uso da Língua sejam minimizadas. Saber fazer um julgamento do que se lê, se escreve ou se fala. Além de acompanhar o desenvolvimento social do meio em que vive para se relacionar de forma precisa à contemporaneidade, pois, ao longo de algumas décadas, palavras tomam significados diferenciados e acordados entre grupos sociais ou toponímicos. Um exemplo disso são as gírias que estimulam diferenciados textos entre os diversos grupos sociais: alguns jovens começaram a usar a frase “fala sério!”, nos anos 80, para designar “não perturbe!” o que outrora se dizia “não enche!”. Atualmente a frase “fala sério!” quer dizer “não acredito! Sério mesmo!”. Praticamente não importando o grupo social contemporâneo.

Ou seja, para que não haja distúrbios de comunicação, é necessário antes de tudo estar ‘ligado’ na linguagem textual, falada e escrita, principalmente.

Esta variedade linguística é estudada pela Sociolinguística a partir de dois olhares: pode haver um ponto de vista diacrônico (ou histórico) em que pesquisador identifica os variantes linguísticos que se tornaram em desuso com o desenvolvimento da língua. São os chamados arcaísmos. Pelo ponto de vista sincrônico (ou temporal), o pesquisador identificará as variações de três maneiras: geográfica, estilística e social.

Ao compreendermos que o olhar sob o ponto de vista geográfico estuda a linguagem das diferentes comunidades, distribuídas em espaços distintos, porém num mesmo tempo histórico, identificamos os regionalismos em que haverá a presença de distintas linguagens como a urbana e a

rural. Para os docentes de português como segunda língua, esta compreensão é fundamental ao apresentar, principalmente, as questões regionais que favorecem a ambientação. Ou seja, tão importante quanto identificar as diferentes formas de falar distribuídas nas cinco regiões brasileiras, é também essencial considerar que dentro de cada região haverá novas variações de acordo com a localização, seja cidade ou campo.

De forma comparada, na perspectiva social (sob ponto de vista verticalizado), estão os falares de grupos distintos locados numa mesma comunidade. Esta perspectiva se adequa aos cenários do CPME e/ou EIPA uma vez que, socialmente, os militares estão agrupados por nível socioeconômico, escolar, sexual, racial e/ou profissional. Por essa razão, nesta perspectiva, é observada e avaliada as diferenças entre a linguagem culta (gramática normativa) e a linguagem social (popular), diretamente ligada à linguagem verbal popular e às situações informais de comunicação. Logo, sob este olhar, torna-se fundamental identificar e contextualizar dentro desta perspectiva social as distinções entre linguagem padrão e coloquial em língua portuguesa. Além disso, traçar um outro viés que é o de comparação à vocábulos e expressões adequadas ao contexto da caserna.

Depois de observados e tratados os pontos de vista das perspectivas geográfica e social, há de se tratar da perspectiva estilística. Nesta sim, em que o pesquisador estuda a utilização da sua linguagem, onde o militar poderá realizar suas escolhas e tomadas de decisões em conformidade à sua época. Seu nível de formalidade ou informalidade com os outros interlocutores determinam nível da linguagem que será utilizado quanto à formalidade, verbal ou não verbal e empatia de acordo com o interlocutor e sua intimidade com ele.

Estes conceitos abordados pela Sociolinguística são importantes aos docentes uma vez que deverão ser trabalhados durante as aulas a fim de oferecer a maior clareza e possibilidades linguísticas em Língua Portuguesa.

Para uma aprendizagem e/ou aquisição de uma língua estrangeira que tenha como objetivo central a interação social entre os falantes (nativos e estrangeiros) faz-se necessário, além de conhecimentos linguísticos e funcionais, conhecimentos pragmáticos relacionados ao entorno cultural e social da língua que se quer acessar.

Vários estudos demonstraram que cultura e língua são elementos indissociáveis, uma vez que para a aquisição real de uma determinada língua-alvo, faz-se necessário uma especial atenção aos aspectos cotidianos da comunidade de falantes estudada.

Esta concepção de ensino/aprendizagem de língua pressupõe que o discente deve refletir sobre a realidade social e cultural em que se desenvolve o discurso, assim como as formas de interagir nas distintas situações comunicativas.

Assim, conforme o que foi visto neste trabalho, não desconsiderou que os distúrbios da comunicação irão interferir na análise do discurso. Os conteúdos culturais devem ser trabalhados nas aulas, aos poucos, contextualizados em situações concretas sem desvincular-se dos conteúdos linguísticos, permitindo assim que os militares possam observar e dessa forma relativizar sobre as condutas que podem ser adotadas em cada uma das situações.

### **3 A DIDÁTICA APLICADA**

Compreendemos que a aprendizagem de uma nova língua é vivenciar novas experiências culturais, históricas e sociais, com isso, a aprendizagem reforça a contraindicação de memorização de conceitos ou de reprodução e repetição. Em diversos momentos durante as aulas, as atividades são direcionadas a conduta militar e aplicações contextualizadas.

Conforme Dias (2009) a aprendizagem deveria ser uma ação sociointeracional. Nesta ação, o discente deve ser apto a solucionar situações problemas que anteriormente ele não seria capaz de compreender sozinho.

Referenciando o conceito vygotskiano a respeito da mediação em pares, em que a aprendizagem se desenvolve na Zona de Desenvolvimento Proximal, consideramos esta metodologia adequada ao nosso contexto no qual se desvela o espaço entre o Nível de Desenvolvimento Real do e o Nível de Desenvolvimento Potencial. Ou seja, o que o aluno executa sozinho e o que o aluno realmente poderá realizar após a aprendizagem. Portanto, todos os envolvidos na aula podem auxiliar o militar aluno a passar pela zona de desenvolvimento potencial a fim de atingir um progressivo sucesso na aprendizagem.

Salientamos que a prática docente necessita priorizar situações reais de utilização da língua, visto que não temos a pretensão de formação dos alunos nas regras gramaticais, mas sim formar os alunos em ativos falantes que realizam ações do dia a dia.

Portanto, em todas as atividades dentro ou fora de sala de aula, incentivamos atividades em conjunto (sejam grupos ou pares ou trios,...), pois estas interações devem ser significativas e favorecer o processo de aquisição linguística.

Para tornar-se um usuário competente da língua alvo, o aprendiz deve desenvolver quatro habilidades, a saber: compreensão escrita, compreensão oral, produção escrita e produção oral, que devem ser explorados por meio do conhecimento e uso de diversos gêneros discursivos, uma vez que nosso uso da língua/linguagem se dá sempre por meio de gêneros. (cf. Schneuwly & Dolz, 2004).

Ao se falar em aprendizagem, principalmente na atualidade, não podemos deixar de pautar a questão da autonomia. Desta forma, a proposta de atividades deve direcionar para que os discentes assumam e desenvolvam a função de gerenciamento do eu próprio processo de conhecimento. Desta maneira, deve haver o incentivo de uso de estratégias como a de levar o aluno a pensar nas suas aptidões individuais e em se autoconhecer enquanto militar na missão de aprender um novo idioma.

Por esta razão utilizamos notícias de jornais, revistas, catálogos de lojas, folhetos entre outros materiais que contenham textos reais. Ensinar a língua alvo ao indivíduo a partir de textos autênticos também é um fator que contribui para o desenvolvimento da autonomia, uma vez que prepara o aprendiz para situações reais de uso da linguagem (DIAS, 2009).

Concordamos com Diniz et al. (2009, p. 283-284) quando explicita que o trabalho com leitura deve ser mais que decodificação, é necessário interpretar, compreender, desenvolver entre os alunos diferentes estratégias de leitura, o que compreende inferir o sentido de palavras desconhecidas, identificar informações principais e secundárias, mobilizar conhecimentos prévios, relacionar informações dadas no texto com aquelas pressupostas no contexto, analisar a relação entre a linguagem verbal e não-verbal no processo de construção do sentido, identificar implícitos e pressupostos, etc.

Esse é um ponto enfático porque observamos que a compreensão leitora merece uma atenção especial em função de significados e sentidos, principalmente se entrando na esfera de expressões idiomáticas ou contextos culturais. Por esta razão são fundamentais as atividades de quem tenham perguntas e deem ao discente a oportunidade de elaboração de resposta através das habilidades de expressão escrita e expressão oral.

Oportunamente chegando ao ponto da expressão oral em sintonia com compreensão leitora, ressaltamos a necessidade frequente de contextualização a assuntos referentes países de origem, ao Brasil, aos conteúdos militares e culturais dos envolvidos.

A questão cultural deve ser marcada pela neutralidade do docente impecavelmente e, diante da diversidade no mesmo espaço físico, enaltecer as diferenças como ponto de riqueza individual e legitimidade.

Uma vez reforçada a necessidade de se estruturar um ensino de culturas nacional (incluindo as diversidades regionais) e militar. Pedagogicamente, é importante que recursos, materiais e a didática desenvolvam o conhecimento afetivo além do cognitivo. Dentro desta função pedagógica de facilitar o processo educativo (no sentido de ensino-aprendizado) porquanto as teorias que envolvem o aprendizado sociocultural no campo do ensino de português como língua estrangeira deve considerar a identidade cultural e étnica dentro da ética profissional docente e preservação dos valores da caserna.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Embora existam pesquisas a respeito do estudo de idiomas estrangeiros na aquisição de segunda língua, não há ainda pesquisa relacionada ao estudo de língua portuguesa aplicada ao contexto militar no que se inserem o léxico e as expressões muitas vezes formuladas e reforçadas pelo senso comum daquela comunidade.

Além da capacitação docente em que a formação deve ser humanizada em seus aspectos de flexibilidade e sensibilidade às alterações comportamentais discentes e possíveis reflexos diplomáticos entre as Forças Armadas envolvidas, o instrutor (ou docente) deve inserir os militares estrangeiros nos contextos recomendados tais como: disciplina (se incluem desde o cumprimento de horários à necessidade de apoio institucional na mesma Organização Militar).

Contextualizar a cultura brasileira de forma prática e, por analogia realizar comparações às linguagens maternas dos militares estrangeiros é uma forma teoricamente simples, mas deve ser dotada de planejamento, avaliações e reconstruções contínuos. Afinal, cada aluno tem a sua identidade e suas necessidades pontuais.

Um ponto importante descrito é quanto à unificação de alunos de diferentes países e continentes na mesma classe. De posse do conceito que os árabes possuem escrita complexa e código linguístico em comparação aos latinos ou asiáticos, a característica de encontros e desencontros é presente contínuo nas aulas. O choque cultural inicialmente com o Brasil expande ao identificar a convivência de outras nacionalidades e culturas completamente distintas. Um desafio é a aceitação das diferenças para a aceitação do novo.

Esta breve reflexão sobre o ensino de Português do Brasil para os militares Oficiais de Nações Amigas (ONA) traz-nos a certeza de que a língua portuguesa brasileira ultrapassa a vastidão cultural do nosso país. Este fato é fundamental para a compreensão do discente quanto a maneira

como foi construída a nossa língua e se mantem indiscutível desenvolvimento. Portanto, através desta linha de raciocínio, trazemos um foco de maior independência linguística discente os militares alunos são eternos aprendizes comunicativos e sensivelmente culturais.

Compreendemos que o processo de ensino-aprendizagem é mútuo, onde o professor enriquece aprendendo com os alunos. Reconhecemos que a grandiosidade e importância do ensino da língua portuguesa brasileira para militares estrangeiros é evidenciada pelo Exército Brasileiro. Defendemos que a apropriação do conteúdo linguístico está relacionada também aos sentidos atribuídos à cultura daquele que ensina como daquele que aprende, sendo necessária uma adaptação ao universo dos brasileiros nativos, existente nas cinco regiões do país, nos diversos aspectos, também da vida civil no desenvolvimento da prática pedagógica (as expressões idiomáticas, além da gramática), como uma aproximação à cultura estrangeira. Parte-se do pressuposto que língua é cultura e cultura é língua.

Portanto, é notável que o rendimento prático dos militares estrangeiros que chegam ao Brasil sem falar absolutamente nada do nosso idioma e que, através do empenho individual discente, dedicação docente, preocupação da gestão desta Organização Militar, iniciam as primeiras formas de comunicação e em até noventa meses estão se comunicando.

## **REFERÊNCIAS:**

CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetização e Linguística**. 2. ed. São Paulo: Scipione, 1990.

BENNETT, M. J. "**Intercultural communication: a current perspective**". In: *Basic concepts of Intercultural Communication*. Yarmouth: Intercultural Pres, 1991.

BRASIL, Ministério da Educação. Secretaria da Educação Básica. **Orientações curriculares para o ensino médio: linguagens códigos e suas tecnologias**. Vol.1. Brasília: MEC/SEB, 2008.

DIAS, R. Critérios para a avaliação do livro didático (LD) de língua estrangeira (LE). In: DIAS, R. & CRISTOVÃO, V. L. L. (orgs) **O livro didático de língua estrangeira: múltiplas perspectivas**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2009.

DINIZ, L. R. A.; STRADIOTTI, L. M. & SCARAMUCCI, M. V. R. Uma análise panorâmica de livros didáticos de português do Brasil para falantes de outras línguas. In: DIAS, R. & CRISTOVÃO, V. L. L. (orgs) **O livro didático de língua estrangeira: múltiplas perspectivas**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2009.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

MOITA LOPES, Luiz Paulo. **Oficina de Linguística Aplicada: a natureza social e educacional dos processos de ensino/aprendizagem de línguas**. Campinas: Mercado de Letras, 1996.

PORCHER, Louis. **Cultures... culture**. Le Français dans le monde – Recherches et applications. Paris: Hachette EDICEF, Janvier 1996, numéro spécial.

**Portaria n° 110** – EME, de 12 JUN 13, que dispõe sobre a Diretriz Reguladora das Atividades de Ensino para Militares das Nações Amigas no Exército Brasileiro e revoga a Portaria no 225, de 13 de dezembro de 2006, do Estado-Maior do Exército.

**Portaria n° 253** – EME, de 30 DEZ 13, que cria o Curso de Português para Militares Estrangeiros.

PRÉNERON, Chistiane. **Distúrbios da linguagem oral e da comunicação na criança**. São Paulo, 2006.

PRODANOV, Cleber Cristiano. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico**. 2. ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

RAMOS, Paulo. **Como tornar-se um professor inesquecível na metadisciplinaridade**. 6. ed. Blumenau: Odorizzi, 2008.

**Regulamento dos Preceitos Comuns aos Estabelecimentos de Ensino do Exército - R/126** (Port Min n° 549, de 6 OUT 00, do Cmt Ex).

SAUSSURE, Ferdinand. **Curso de Linguística Geral**. São Paulo: Cultrix, 1916.

TARALLO, Fernando. **Sociolinguística**. São Paulo: Ática, 2000.